

ESCOLHEMOS O TERMO *MYCOBACTERIUM HANSENI*

EDITORIAL

Os órgãos do Governo do Estado de S. Paulo, Brasil, direta ou indiretamente responsáveis pela publicação de "Hansenologia Internationalis" preferiram o termo *Mycobacterium hansenii* (Feldman, 1953, E.U.A.) * para o agente da hanseníase. Como pormenorizado em artigo neste número (p. 71) essa preferência coincidiu com os pontos de vista da maioria dos Conselhos Científico e Editorial da revista e de grupo representativo de professores universitários do país, completamente independentes dos editores.

Portanto, o nome *Mycobacterium leprae*, qualificado por Feldman como "ignominioso", fica definitivamente expulso das páginas editoriais deste periódico. Nossos últimos laços com o infamante pejorativo "lepra" — "o mais negativo dos termos médicos", o "rótulo que bloqueia a educação", o "sofrimento e trauma psíquicos continuados" o "desintegrador da personalidade do paciente", de acordo com inquéritos extensivos realizados nos Estados Unidos, Argentina e Brasil — foram finalmente cortados.

Agradecemos a todos os que cooperaram com respostas para que esse corte ocorresse, bem como ao I Congresso de Hansenologia dos Países Endêmicos e III Congresso Brasileiro de Hansenologia (Rio, 1980) que aceitaram *Myco.hansenii* como sinônimo de *Myco. leprae*. Com essa aceitação, vemos nossa

escolha bem protegida contra críticas inevitáveis.

Ousamos agora chamar a atenção dos Ministérios da Saúde ou Serviços de Saúde Pública dos países que já baniram os infamantes pejorativos "lepra", "leprosy" e "lebbra" — Brasil, Estados Unidos, Itália, Portugal, Bolívia, Jamaica e Trinidad-Tobago — para o perigo representado pelo "ignominioso" *M.leprae* para seus progressos terminológicos.

Ousamos também apelar para o Comitê Internacional de Bacteriologia Sistemática e para as Sociedades de Bacteriologia de todo o mundo para que estudem os graves problemas morais, sociais, médicos e preventivos que resultam da permanência do "estigma bacteriológico" nos países cristãos endêmicos. Compreendemos que não existe confusão taxonômica quanto ao *Myco. leprae* que pudesse implicar em alterações terminológicas, de acordo com as regras estritas do Comitê Internacional. Existe, entretanto, confusão muito mais séria com a "lepra" bíblica — um estado de degradação de pedras, paredes, roupas e pessoas, que nada tem em comum com a hanseníase ou doença de Hansen. Confusão que continua devido a todas as arraigadas conotações de repulsa e infâmia — *irremovíveis* — que a "lepra" bíblica conservou através dos milênios.

(*) FELDMAN, W.H. Hansenosis for leprosy. *J. American Med. Assoc.*, 153:1041, 1953.

Como inteligentemente assinalado em uma das respostas ao inquérito de p. 71, "embora não haja confusão taxo-nômica, há confusão na cabeça do doente e na sociedade". Esta confusão é responsável pela vergonha, ocultamento, agravamento da doença e da endemia.

"Last, but not least", talvez seja tempo de se estudar a possibilidade de bem merecida homenagem ao cientista norueguês cujo nome foi injustificavelmente dissociado do bacilo que descobriu e, na maioria dos países, da doença para cujo conhecimento tanto contribuiu.

A. ROTBERG